

## MONUMENTO A MACHADO DE ASSIZ

Joaquim Maria Machado de Assiz era filho desta cidade, onde nasceu na antiga chácara do Livramento, no morro do mesmo nome, de pais obscuros e pobres — Francisco José de Assiz e d. Maria Leopoldina Machado de Assiz, a 21 de junho de 1839. A condição modesta do seu nascimento tornou naturalmente difícil o começo de sua vida, não lhe permitindo fazer os estudos regulares, sem dúvida almejados pela sua inteligência primorosa. Afirma-se que a sua primeira ocupação, ao sair da escola primária, foi a de sacristão da igreja da Lampadosa. Depois, fêz-se tipógrafo, e, como tal, trabalhou na Imprensa Nacional, de 1856 a 1858. Certamente, esta profissão despertou a sua vocação literária latente. No ano de 1860 apareceram os primeiros ensaios literários de Machado de Assiz, versos principalmente, em jornais e revistas da época, como a "Marmota Fluminense", de Paula Brito, a "Revista Popular", o "Jornal das Famílias" e o "Diário do Rio de Janeiro". Fez parte da redação deste jornal, juntamente com Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva e outros jornalistas de relêvo. Em 1873 começa a carreira de funcionário público de Machado de Assiz, como primeiro oficial do Ministério da Agricultura, ascendendo, pelo seu merecimento, até o cargo de diretor de Contabilidade, em que serviu até os seus últimos dias, com assiduidade exemplar, grande capacidade, muito zelo e probidade. Em 1863, saiu da tipografia do "Diário do Rio de Janeiro" o seu primeiro livro: "O caminho da Porta e o Protocolo", prefaciado por Quintino Bocaiúva, e no mesmo ano publicou a fantasia dramática "Desencantos"; mas é em 1864, com a publicação de "Crisálidas", que ele começa verdadeiramente a sua vida literária. Publicou sucessivamente: "Os Deuses de Casaca", fina e engraçada comédia, em versos; "Os Trabalhadores do Mar", tradução de Vitor Hugo; "Falenas", coleção de poesias, e "Contos Fluminenses", em 1873; "Histórias da Meia Noite"; "Papéis avulsos", em 1882; "Histórias sem data", em 1884; "Várias Histórias", em 1885; "Páginas Escolhidas" e "Relíquias da Casa Velha", nos últimos anos.

O seu primeiro romance foi "Ressurreição". São do mesmo gênero "Helena", "Iaiá Garcia", que é de 1878; "Memórias de Braz Cubas", em 1879; e, a seguir, "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó" e o "Memorial de Aires", este o seu último livro. A obra de Machado de Assiz caracteriza-se pela excelência do estilo, que é único, pessoal, inconfundível, e, pelo seu fundo psicológico, dosado de uma ironia indulgente e saborosa.

É fácil avaliar o que houve de força de vontade, de efetiva energia moral em Machado de Assiz, tímido de natureza e mais de aspecto, para, vencendo os tropeços criados pela sua origem social, pelos preconceitos de cor, chegar às culminâncias a que atingiu no mundo intelectual brasileiro e à respeitada situação que ocupava na sociedade.

No ano de 1869, Machado de Assiz contraía núpcias com a sra. Carolina Xavier de Novais, de nacionalidade portuguesa, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais. Enviuvou em 1903 e desde então começou a acentuar-se o declínio de sua saúde. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras e o seu primeiro presidente. Sua morte ocorreu a 28 de setembro de 1908, na modesta casa que havia mais de 30 anos habitava, no bairro do Cosme Velho

• • •

No dia 21 de junho de 1929, na fachada de sua sede, à avenida das Nações, hoje Presidente Wilson, a Academia Brasileira de Letras inaugurou o monumento erigido por subscrição popular, em comemoração ao 90.º aniversário do nascimento do ilustre escritor. A solenidade teve lugar às 15 horas daquele dia, com a presença dos membros daquela instituição, do elemento oficial, de homens de letras e numerosas pessoas. Depois que os srs. Otávio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, e Cícero Marques, representante do prefeito do Distrito Federal, desvelaram o monumento, o presidente da Academia, sr. Fernando Magalhães, pronunciou o discurso inaugural, entregando-o à cidade.

Em seguida, realizou-se no salão nobre da Academia uma sessão pública, consagrada ao grande escritor brasileiro. Nas cadeiras destinadas aos acadêmicos viam-se, entre outros, os srs. Alberto de Oliveira, Luiz Carlos, Ademar Tavares, Silva Ramos, Aloísio de Castro, Dantas Barreto, Ataúlfo de Paiva, Afonso Celso, Hélio Lobo, Coelho Neto, João Ribeiro, Alcides Maia, Rodrigo Otávio e outros. Na parte reservada ao público — pois a entrada lhe fôra franqueada — senhoras e grande número de cavalheiros, parlamentares, jornalistas e homens de letras ocupavam as localidades postas à sua disposição. O presidente, professor Fernando Magalhães, deu a palavra ao sr. Alberto de Oliveira, que, depois de dizer que Machado de Assiz fôra tão grande poeta como prosador, embora alguns críticos da sua obra não o apresentassem senão como um dos mestres da prosa brasileira, leu uma das suas poesias mais belas, das mais dignas de figurar entre as melhores da língua portuguesa, dedicada por Machado de Assiz a Carolina, a companheira dos seus dias.



A assistência aplaudiu Alberto de Oliveira pela emoção com que recitara o sentimental soneto de Machado de Assiz, encerrando-se, a seguir, a sessão.

\* \* \*

O monumento, em bronze, é de autoria do escultor Humberto Cozzo e assenta em um pedestal de granito vermelho, lavrado e polido. Apresenta a figura do grande escritor sentado, mostrando uma feição tranqüila e meditativa, a mesma atitude calma em que viveu.